

ciências cognitivas e experiência humana. Porto Alegre: Artmed, 2003.
WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. 2ª Ed. São Paulo : Abril Cultural, 1979.

A ATUALIDADE DO ESTUDO DA SERVIDÃO E DA LIBERDADE HUMANA NA *ÉTICA* DE BENEDICTUS DE SPINOZA

KARINE VIEIRA MIRANDA

RESUMO

Este artigo tem o intuito de abordar a atualidade do estudo da servidão e da liberdade humana segundo o pensamento do filósofo holandês Benedictus de Spinoza. A obra principal a ser trabalhada é a *Ética*, onde Spinoza apresenta uma filosofia do amor, da conservação, da perseverança, da sabedoria, e acima de tudo, da liberdade. Interessa a diversas áreas de conhecimento a compreensão mais ampla e o estudo mais acurado sobre a servidão e a liberdade humana, pelos mais diversos motivos e propósitos, tendo dentre esses motivos interesses históricos, religiosos, éticos, econômicos, políticos, sociais, científicos, afetivos, dentre outros.

Palavras-chave: Servidão, Liberdade, Imaginação, Razão, Afetos.

LA ACTUALITÉ DU ÉTUDE DE LA SERVITUDE HUMAINE ET LA LIBERTÉ DANS L'ÉTHIQUE DE BENEDICTUS DE SPINOZA

RÉSUMÉ

Cet article vise à examiner la actualité de l'étude de la servitude et la liberté humaine selon la pensée du philosophe néerlandais Benedictus de Spinoza. Le ouvre principal est d'être travaillé *Éthique*, où Spinoza présente une philosophie de l'amour, de la conservation, de la persévérance, de la sagesse, et par-dessus tout, la liberté. Intérêt pour

de nombreux domaines de la connaissance et une compréhension plus large étude plus approfondie sur la servitude et la liberté humaine, pour diverses raisons et les buts et les intérêts entre ces raisons historiques, religieux, éthique, économique, politique, social, scientifique, affective, entre autres.

Mots-clés: Servitude, Liberté, Imagination, Raison, Affections.

INTRODUÇÃO

Este artigo versa sobre a atualidade do estudo da servidão e da liberdade humana segundo o pensamento do filósofo holandês Benedictus de Spinoza¹. A obra principal a ser abordada é a *Ética*², mais especificamente em sua quarta e quinta parte.

O objetivo principal deste artigo é apresentar a conceituação e a caracterização da servidão e da liberdade humana segundo Spinoza, bem como argumentar sobre a atualidade do estudo das mesmas. Como objetivos secundários também se pretende apresentar a causa

1 Para o nome do filósofo será utilizado no decorrer dessa dissertação a grafia *Spinoza*, em virtude de o autor, após ter sido excomungado pela Comunidade Judaica de Amsterdã, passar a assinar seu nome em latim, Benedictus de Spinoza, supondo-se assim uma preferência, aliando-se isso ao fato de suas obras terem sido escritas em latim. As referências das obras que foram publicadas com a grafia *Espinosa* manterão a grafia apresentada em sua publicação.

2 Para as citações das obras de Spinoza foram utilizadas as traduções das mesmas para o português, cujas referências constam na *Bibliografia* deste artigo. No corpo do texto, serão utilizadas siglas para as *Cartas* (Ep), para o *Tratado Político* (TP) e para a *Ética* (E) sendo, no caso das *Cartas*, seguidas do número da mesma em algarismos arábicos, no caso do *Tratado Político*, seguidas do número do capítulo em algarismos arábicos e no caso da *Ética*, seguida do número das partes, também em algarismos arábicos. Para o *Tratado Político* será acrescido o número arábico que se refere ao parágrafo, separado do número do capítulo por uma barra (/). Para as citações internas da *Ética*, as siglas das definições (Def), axiomas (Ax), proposições (P), demonstração da proposição (d), prefácios (Pref), corolários (C), escólios (S) e apêndices (Ap) serão acompanhadas dos seus números correspondentes.

da servidão para Spinoza, conceituando os gêneros do conhecimento e apresentando-os como vias que levam o homem à liberdade.

Refletir sobre essas questões traz discussões e resultados muito produtivos às aulas de filosofia da educação básica e do ensino superior, formando cidadãos mais críticos, mais participativos e mais capazes de tomarem suas decisões com coerência e sensatez. Cada vez mais o interesse das pessoas tem se voltado para compreender essa ciência que durante décadas foi banida do currículo escolar da educação básica e foi desvalorizada dentro das universidades. O filósofo foi rotulado e estigmatizado pelo vulgo, e ainda o é, como alguém que não respeita limites, que vive a sua liberdade de maneira impensada e que representa uma ameaça para a religião. A filosofia e os filósofos, ao contrário, cumprem seu papel ético, trazendo a reflexão sobre diversos temas relevantes para a sociedade. A servidão e a liberdade, se não estiverem entre os temas mais importantes, e devem estar, estarão certamente entre os mais polêmicos e controversos.

O método principal aqui utilizado é a exegese, isto é, a leitura e interpretação da obra supracitada e de outras que servem de suporte. Foi necessário, inicialmente, a escolha do tema a ser trabalhado, seguida da seleção da obra principal e das obras complementares escritas pelo próprio Spinoza e por seus comentadores, que serviram de suporte e fundamentação.

Outro método utilizado foi a observação e análise crítica de: aulas de filosofia na educação básica e no ensino superior; artigos; palestras; seminários; minicursos de filosofia; matérias de jornais e revistas; encontros acadêmicos; dentre outros.

Dentre os grandes estudiosos e intérpretes do pensamento de Spinoza cita-se Marilena Chauí, Chantal Jaquet, Martial Gueroult, Gilles Deleuze, Alexandre Matheron, Pierre Macherey, dentre outros.

Por que pesquisar uma obra de um filósofo moderno em pleno século XXI? Ao escrever a *Ética*, Spinoza não apresenta apenas um sistema teórico, mas inspira e incita a busca pela liberdade, gerando um interesse em seu leitor em aventurar-se pelo caminho do conhecimento, dominando as paixões, transformando os maus afetos que escravizam os homens em bons, cultivando-os, e alcançando assim a beatitude.

1. UMA BREVE OLHAR ESPINOSANO³ SOBRE SPINOZA

Mesmo a Holanda no século XVII, com toda a sua tolerância religiosa, prosperidade econômica e seu reflorescimento cultural, se incomodou com o pensamento de Spinoza e não somente com o dele, mas de Uriel da Costa, Juan Prado e Daniel Ribera. É também nesta Holanda que as obras de Hobbes, Descartes e Spinoza são censuradas. Se estes incomodaram tanto, pode-se supor que aquilo que diziam tinha relevância ou representavam uma ameaça para o sistema vigente. A censura não é a forma mais adequada para se chegar a uma verdade pois, cientificamente, só se pode ter certeza de algo após profunda observação e análise.

Spinoza foi para muitos um exemplo de homem virtuoso, cuja vida não era contraditória àquilo que escrevia. Talvez falte ao vulgo fazer menos marketing sobre suas virtudes pessoais, fazendo uso de uma visão mais acurada e avaliativa sobre si mesmo, sendo cada indivíduo capaz de se ler e se perceber de fato, aprofundando-se no conhecimento de Deus, de si e das coisas. Talvez o desejo mais íntimo de Spinoza com tudo o que escrevera tenha sido o de partilhar com as pessoas que o rodeavam dos efeitos benéficos que o conhecimento o trouxe, afastando-o do entorpecimento intelectual, alienador, e permitindo que ele ousasse buscar, perguntar, questionar, e acima de tudo, ter a audácia de responder questões polêmicas e divergentes do senso comum.

2. OS GÊNEROS DO CONHECIMENTO

O conhecimento, o saber em Spinoza, enfrenta o saber que estava de certa maneira ainda posto, ainda herança da filosofia medieval,

3 Marilena Chauí faz distinção entre Espinosismo ou Espinosista e Espinosano, sendo o primeiro empregado por ela para designar as críticas nada benevolentes destinadas às obras de Spinoza, as referências pejorativas que autores dirigem a outros acusando-os de pactuar com o pensamento de Spinoza e a qualificação das obras de Spinoza como doutrina, enquanto o segundo seria utilizado para indicar o próprio pensamento de Spinoza ou um olhar benevolente sobre ele. (Marilena de Sousa CHAUI, 1999, p. 21, nota).

condicionado à fé.

Toda definição em Spinoza, está atrelada à outra, como uma rede de informações que se completam, como um quebra cabeça que, ao ser montado, deixa a imagem que se busca cada vez mais nítida. Para compreender os gêneros do conhecimento é preciso compreender a mente. A única potência da mente é a potência da inteligência (E5Pref) e “*a mente é passiva ao domínio da imaginação*”⁴. O que é então, a mente humana, para Spinoza? “*É uma parte do intelecto infinito de Deus*”. (E2P11C).

O que são os gêneros do conhecimento para Benedictus de Spinoza? O primeiro gênero do conhecimento é o único capaz de produzir ideias falsas. Ele é a imaginação, que pode progredir à razão, segundo gênero do conhecimento, ou regredir dela. O terceiro gênero do conhecimento é a ciência intuitiva.

A mente esforça-se no intuito de imaginar as coisas que “*estimula a potência de agir do corpo*” (E3P12), assim como, quando ela imagina coisas que refreiam essa potência de agir, se esforçam para recordar-se das coisas que excluem a existência destas que refreiam (E3P13).

A mente, quer enquanto tem ideias claras e distintas, quer enquanto tem ideias confusas, esforça-se por perseverar em seu ser por uma duração indefinida, e está consciente desse esforço.⁵

Ao evitar imaginar as coisas que refreiam a sua potência, a mente não protege somente a si, mas também ao corpo.

A imaginação é a única causa de falsidade (E2P41) e é dela que nascem os maus afetos, mas nem tudo nela é falsidade, o que denota que ela não tem que ser necessariamente uma fonte de erro. Imaginação e verdade não se excluem necessariamente e podem até mesmo ocorrer simultaneamente, apesar das limitações da imaginação, pois a presença do verdadeiro não suprime a imaginação (E4P2).

4 Merçon, J. *Aprendizado Ético-Afetivo: uma leitura spinozana da educação*, p. 57.
5 Cf. o original: “*Mens tam quatenus claras, & distinctas, quàm quatenus confusas habet ideas, conatur in suo esse per severare indefinità quâdam duratione, & hujus sui conatus est cõscia*”. (E3 P9, SO2, p. 147).

Para Spinoza a imaginação não é um mal e não é oposta a razão. A ideia é imaginativa e inadequada quando traduz de maneira imediata a afecção do corpo, e verdadeira ou adequada quando age de modo a compreender a gênese da afecção. Das ideias inadequadas resultam os desejos que denominamos paixões e das adequadas resultam os desejos que denominamos ações. A mente não erra por imaginar, mas erra por não saber que imagina, pois quando sabe, liberta-se da influência exclusiva da imaginação, afastando-se da servidão e aproximando-se da liberdade.

Spinoza também trata da imaginação no *Tratado Teológico-Político*, onde ele apresenta logo no capítulo inicial a profecia como distinta do conhecimento natural, embora ambas compartilhem a mesma origem, ou seja, a imaginação. A profecia, assim como o conhecimento natural, são percebidos pela imaginação e, enquanto tal, fazem parte do conjunto dos conhecimentos humanos.

O principal problema que Spinoza enxerga nas profecias é o modo como são interpretadas. Já que elas não são reveladas para qualquer pessoa, os homens comuns só podem submeter-se as interpretações alheias. Ele interpreta as Sagradas Escrituras demonstrando que elas nascem da imaginação dos profetas com intuito de controlar o povo hebreu.

Há o uso da razão quando as ideias adequadas compreendem suas causas não imediatas. No plano afetivo, as ideias adequadas se atam à ação.

Concordam todos, filósofos e não-filósofos, que a razão é o poder que emancipa o entendimento individual dos ditados de uma autoridade externa e a capacidade para distinguir o verdadeiro do falso. Concordam todos que ela é encadeamento ordenado, sistemático e metódico de ideias verdadeiras e luz natural idêntica em todos os homens, uma força que pode ser enfraquecida pelo mau uso e sucumbir sob o peso da imaginação e da paixão, precisando ser curada por uma *medicina mentis* que a emende e cure para que cumpra sua destinação máxima, a vida ditosa, pois, mesmo enfraquecida e adoecida, a razão jamais pode ser depravada ou desnaturalada.⁶

⁶ Chauí, M. S. *A Nervura do Real: imanência e liberdade em Spinoza*, p. 156.

Nietzsche dizia que “*O homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem. Uma corda sobre o abismo*”⁷. Fazendo uma analogia das progressões dos gêneros do conhecimento de Spinoza às palavras de Nietzsche, pode-se dizer que o animal estaria entregue ao primeiro gênero do conhecimento, o homem progride ao segundo gênero e o super-homem ao terceiro. A corda seria o caminho ou o trajeto desafiante do conhecimento e o abismo seriam as dúvidas e incertezas, que podem representar certo perigo, mas que depois de superadas, ou esclarecidas, permitem um novo olhar sobre tudo. Quantos indivíduos jamais saem da condição de animal, amedrontados com os riscos do abismo? Parece-lhes mais fácil receber verdades prontas, respostas inquestionáveis e entregar a outros a sua liberdade.

3. AS PAIXÕES

O homem está continuamente sujeito às paixões e isso é natural. Spinoza não pretende ou sugere que o homem aniquile ou livre-se das paixões, porque elas são necessárias, mas sugere que, de posse do conhecimento sobre as leis da natureza humana, o homem se deixe vencer sempre pelas paixões positivas, afastando-se da passividade da servidão e aproximando-se da liberdade. Refletir sobre essas questões traz discussões e resultados muito produtivos às aulas de filosofia da educação básica e do ensino superior, formando cidadãos mais críticos, mais participativos e mais capazes de tomarem suas decisões com coerência e sensatez. Cada vez mais o interesse das pessoas tem se voltado para compreender essa ciência que durante décadas foi banida do currículo escolar da educação básica e foi desvalorizada dentro das universidades. O filósofo foi rotulado e estigmatizado pelo vulgo, e ainda o é, como alguém que não respeita limites, que vive a sua liberdade de maneira impensada e que representa uma ameaça para a religião. A filosofia e os filósofos, ao contrário, cumprem seu papel ético, trazendo a reflexão sobre diversos temas relevantes para a sociedade. A servidão e a liberdade, se não estiverem entre os temas mais importantes, e devem estar, estarão certamente entre os mais

⁷ Nietzsche, F. W. *Assim Falava Zaratustra*, p. 14.

polêmicos e controversos.

As três afecções primárias ou primitivas reconhecidas por Spinoza na *Ética* são alegria (*conatus* aumentado), tristeza (*conatus* diminuído) e desejo (*conatus*), afirmando que a partir delas é que nascem todas as outras. Uma coisa qualquer pode causar, acidentalmente, a alegria, a tristeza ou o desejo (apetite), sendo este último a única causa da paixão e da ação. *Conatus* é desejo e este não é diferente do apetite. O apetite “é aquilo por cuja causa fazemos alguma coisa” (E4Def7).

Segundo Damásio⁸ “A alegria e a tristeza representam dois conceitos cardeais em sua tentativa de compreender o ser humano e sugerir como viver melhor”. O amor é alegria e o ódio é tristeza, portanto, o que ama conserva e o que odeia destrói.

Santo Tomás de Aquino, filósofo medieval, em sua obra intitulada *Suma Teológica*, para falar das paixões, toma como ponto de partida a beatitude da alma, fazendo uma análise das ações para chegar à análise das paixões. Para Descartes elas são percepções da alma que podem ser causadas tanto pelo corpo quanto pela mente. (cf. As Paixões da Alma, parte 1, § 19). Sobre as paixões Spinoza afirma no *Tratado Político* que:

[...] Considerei também as emoções humanas, tais como o amor, o ódio, a cólera, a inveja, a soberba, a piedade e outras inclinações da alma, não como vícios mas como propriedades da natureza humana: maneiras de ser que lhe pertencem como o calor e o frio, a tempestade, a trovoadas e todos os meteoros pertencentes à natureza atmosférica.⁹

O *conatus* do homem é superado e limitado “*infinitamente, pela potência das causas exteriores*” (E4P3). A potência de uma paixão é definida pela comparação da potência da causa exterior com a do

8 Damásio, A. R. *Spinoza Avait Raison*. Joie et Tristesse, les cerveau des émotions, p.14.

9 Cf. o original: “*atque adeò humanos affectûs, ut sunt amor, odium, ira, invidia, gloria, misericordia, & reliquae animi commotiones, non ut humanae naturae vitia, sed ut proprietates contemplatus sum, quae ad ipsam ità pertinent, ut ad naturam aëris aestus, frigus, tempestas, tonitru, & alia hujusmodi, quae, tametsi incommoda sunt, necessaria tamen sunt, certasque habent causas, per quas eorum naturam intelligere conamur*” (TP1 §4, SO3, p. 274)

homem (E4P5Dem), podendo superar a potência deste (E4P6Dem).

Um afeto só pode ser refreado ou anulado por um afeto que lhe seja contrário e mais forte (E4P7). Afetos contrários são “aqueles que arrastam o homem para direções diferentes” (E4Def5), sendo contrários por acidente e não por natureza.

Spinoza afirma que no momento em que a mente é tomada por um afeto, o corpo é afetado por uma afecção, sendo a potência de agir diminuída ou aumentada. “*Quando a mente é tomada de algum afeto, o corpo é, simultaneamente, afetado de uma afecção*” (E4P7Dem).

4. O TTP E SUAS CRÍTICAS À SERVIDÃO HUMANA

É necessário trazer a reflexão sobre a atualidade do pensamento de Spinoza no que se refere a superstição, que afetou e ainda afeta o homem enquanto ser individual, social, político e religioso, funcionando a superstição como um condutor à servidão humana e um obstáculo para que o homem alcance a liberdade. Pensar sobre a superstição conduz o homem ao pensar sobre a servidão e a liberdade, e somente essa condução adequada, do pensar seguido da ação, pode auxiliar o homem a desenvolver a capacidade de gerir-se enquanto ser autônomo, mas interligado ao todo que o cerca.

As religiões, historicamente, utilizam-se da superstição para manter o controle sobre a racionalidade humana, impedindo que os homens sejam capazes de enxergar as coisas que o cercam de maneira adequada, deixando suas mentes inebriadas de preconceitos e limitações e tirando dele até mesmo a capacidade de duvidar. A influência da superstição não se dá apenas no plano individual, mas também no coletivo. Um Estado, por exemplo, quando enfrenta dificuldades, vê seus adivinhos cada vez mais poderosos e influentes.

Ao supor que está separado da natureza e que lhes é superior, o homem envolve-se em um emaranhado de erros, fundamentados em suposições equivocadas, perdendo assim a regência de si mesmo, entregando-se a flutuação constante entre a esperança (alegria instável) e o medo (tristeza instável). O que falta ao homem, nesse caso, segundo Spinoza, é a segurança, que ele obterá ao ser regido pelas leis naturais.

A superstição é uma paixão negativa que leva o homem

à alienação e à condição servil, fazendo-o entregar a outrem a sua capacidade de decidir sobre si mesmo.

4.1 Teses sobre a superstição

Baseando-se na leitura dos primeiros seis parágrafos do Prefácio, podem-se definir algumas teses, que serão abaixo apresentadas.

A superstição não é algo favorável ao homem, sendo ele vítima dela quando inseguro ou quando a fortuna não se mostra benéfica a ele. Primeira tese: os homens não devem render-se à superstição.

As dificuldades deixam os homens inseguros e cegamente suscetíveis à superstição, que os leva “*a acreditar seja no que for*” (TTPPref §1). Na *Ética*, Spinoza afirma que “*qualquer coisa pode, por acidente, ser causa de esperança ou de medo*” (E3P50). Daqui tira-se a segunda tese: a incerteza e a cobiça é o que faz o homem oscilar entre a esperança e o medo.

O que é o medo? “*O medo é a causa que origina, conserva e alimenta a superstição*” (TTPPref §2). Na *Ética*, Spinoza afirma que “*o medo [...] é uma tristeza instável*” e “*a esperança nada mais é do que uma alegria instável*”. Esperança e Medo são a ausência da certeza. O que dá instabilidade para ambos? A dúvida. Quando se exclui a dúvida daquilo que provoca a esperança ou o medo, se chega respectivamente à segurança ou ao desespero (E3P18S2). Terceira tese: A esperança e o medo são, respectivamente, alegria instável e tristeza instável, não havendo “*esperança sem medo, nem medo sem esperança*”.

Quando o homem está em prosperidade, não quer ouvir conselhos de ninguém, mas quando está em dificuldades, os conselhos mais tolos lhes parecem convenientes. Quarta tese: os homens que se entregam a superstição são uma ameaça à religião, porque “*interpretam a natureza da maneira mais extravagante [...]*” (TTPPref §1).

Os alienados e ignorantes não tem respeito algum pela razão, entregando-se cegamente à imaginação, que lhes parece capaz de trazer-lhes respostas divinas. A imaginação já foi apresentada anteriormente, ficando claro que a partir dela não é possível distinguir o verdadeiro do falso. Quinta tese: o homem que se entrega à superstição é guiado

apenas pela imaginação, afastando-se da razão e, automaticamente, da liberdade.

A influência da superstição não se dá apenas no plano individual, mas também no coletivo. Um Estado, por exemplo, quando enfrenta dificuldades, vê seus adivinhos cada vez mais poderosos e influentes. Sexta tese: a alienação pode se dar individualmente e coletivamente.

Spinoza expõe uma primeira conclusão no §3, de que todo o homem está naturalmente sujeito à superstição, uma segunda onde afirma que a superstição é “*variável e inconstante*” e por fim, que ela não pode se originar da razão, mas pode subsistir a partir das paixões, como esperança, ódio, cólera e fraude.

As religiões, historicamente, utilizam-se da superstição para manter o controle sobre a racionalidade humana, impedindo que os homens sejam capazes de enxergar as coisas que o cercam de maneira adequada, deixando suas mentes inebriadas de preconceitos e limitações e tirando dele até mesmo a capacidade de duvidar.

O que Spinoza quis demonstrar com o *Tratado Teológico-Político*? Nesse seu estudo exegético, Spinoza quis demonstrar que a liberdade de pensar e a liberdade religiosa são isentas de qualquer preconceito e que o cessar dessa liberdade, seja individual ou coletiva, faz cessar também “*a paz social e a piedade*” (TTPPref §4).

O que levou Spinoza a escrever o tratado supracitado? O fato de o mesmo ter dificuldades de perceber na prática o discurso de alguns religiosos, que pregam o amor e praticam o ódio, que consideram seus cargos religiosos como títulos de nobreza, que consideram “*seus ofícios como benefícios*” (TTPPref §5), e sendo a religião um meio para que o vulgo encha de honras os seus líderes religiosos.

Cada indivíduo deve ter o direito de pensar sobre a superstição, de ler sobre ela, de conhecer os diversos olhares de outros sobre ela e de questioná-la, se assim lhes aprouver, sem ser necessariamente obrigado a receber todos os conceitos e dogmas prontos, restando-lhe apenas a aceitação cega.

5. O TP E SUAS CRÍTICAS À SERVIDÃO HUMANA

Também no *Tratado Político* fica evidente a preocupação de

Spinoza no que se refere à manutenção da liberdade dos cidadãos. Nela ele descreve as formas de governo. Já começa afirmando que, dentre as ciências, a política seria aquela onde a teoria estaria mais afastada da prática. Ele critica os políticos, tendo em vista que estes, na tentativa de controlar os vícios e a maldade humana, movem os homens pelo medo, ao invés da razão. Obviamente, Spinoza não deixaria de mencionar a eficácia historicamente comprovada da coerção dos mais fortes sobre os mais fracos, mas não poderia concordar que este controle seja garantido pagando-se por ele com a própria liberdade humana. Sétima tese: líderes religiosos e políticos estão, para Spinoza, em constante atividade de dominação e alienação do vulgo, privando estes de sua liberdade de pensar.

Diante do comportamento absurdamente ambicioso de poder dos líderes religiosos e da entrega à alienação por parte do vulgo, a fé acabou por torna-se apenas credence e preconceito. Estes preconceitos são o que suprime a capacidade de uso da razão, fazendo o homem revezar entre a esperança e o medo, sem a capacidade de fazer a clara distinção entre o verdadeiro e o falso.

Spinoza pensa que, dentre as ciências, a política seria aquela onde a teoria estaria mais afastada da prática. Ele critica os políticos, tendo em vista que estes, na tentativa de controlar os vícios e a maldade humana, movem os homens pelo medo, ao invés da razão. Obviamente, Spinoza não deixaria de mencionar a eficácia historicamente comprovada da coerção dos mais fortes sobre os mais fracos, mas não poderia concordar que este controle seja garantido pagando-se por ele com a própria liberdade humana.

6. A SERVIDÃO HUMANA NA *ÉTICA*

A servidão trata-se da impotência do indivíduo para governar a própria vida, controlar seus afetos e ser senhor de si mesmo. O homem pode ser capaz de regular seus afetos, ou seja, ser livre, e pode ser impotente quanto a essa tarefa, sendo assim, servo. Não estando sob o seu próprio domínio (E4Pref), está sob o controle do acaso, sendo capaz de fazer o que seja pior para ele, mesmo percebendo que o melhor seria o contrário.

Os homens, ao escolherem a esperança no lugar do medo, caminham rumo a liberdade. Ao transferir a outro as suas decisões eles estão se alienando, se entregando ao medo e à servidão.

(lat. alienatio, de alienare: transferir para outrem, alucinar, perturbar). 1. Estado do indivíduo que não mais se pertence, que não detém o controle de si mesmo ou que se vê privado de seus direitos fundamentais, passando a ser considerado uma coisa [...]¹⁰

Spinoza inicia a parte IV da *Ética*, ainda no prefácio, explicitando o que ele entende por servidão: “*Chamo servidão a impotência humana para regular e refrear os afetos*” (E4Pref).

A servidão é parte da natureza humana, mas representa a passividade do homem em relação aos afetos, enquanto a razão é ação. O conhecimento é, para Spinoza, a única via para que o homem abandone a servidão e alcance a liberdade. Ainda no prefácio da parte IV da *Ética*, Spinoza faz crítica direta aos paradigmas estabelecidos, às ideias universais que representam modelos e que determinam aquilo que é perfeito ou imperfeito, tanto no que se refere às coisas artificiais quanto no que se refere às coisas naturais. Spinoza afirma só ser possível definir se algo está perfeito se se conhece o objetivo do autor. Somente de posse dessa ciência é possível definir se foi ou não atingido o objetivo, ou seja, se este algo é perfeito ou não.

7. A LIBERDADE

Spinoza “*exprime com força os dois traços fundamentais do homem ocidental: a sede de compreender e o amor à liberdade*”¹¹. É assim que Gueroult apresenta Spinoza já no primeiro parágrafo de sua obra *Spinoza I-Dieu*.

Spinoza, na quinta parte da *Ética*, faz a equiparação de beatitude, salvação e liberdade (E5P36S). Ele não pretende propor que o homem

10 JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. *Dicionário Básico de Filosofia*, p. 6.

11 Tradução nossa. Cf. o original: “[...] exprime avec force les deux traits fondamentaux de l’homme occidental: la soif de comprendre et l’amour de la liberté”. Gueroult, M. *Espinosa*: vol. 1 (Dieu), p. 9.

aniquile ou livre-se das paixões, porque elas são necessárias, mas nos sugere que, de posse do conhecimento sobre as leis da natureza humana, nos deixemos vencer sempre pelas paixões positivas, afastando-se da passividade da servidão e aproximando-se da liberdade, evitando, por exemplo, pensar no suicídio, que é resultado de causas externas, pois nenhuma coisa pode ser destruída por causa interior, mas por algo que está extrínseco a ela. Não há nada na essência do homem que possa provocar a sua destruição.

Spinoza também trata da liberdade no *Tratado Teológico-Político*, onde defende a liberdade de expressão ou de ensinar, contanto que o indivíduo que se dispor a essa tarefa a faça regido somente pela razão, sem o intuito de, por si só, alterar a funcionalidade do Estado. Caso este indivíduo perceba, no Estado, alguma lei que contrarie a razão, deverá não comportar-se como um rebelde, provocando ódio ou discórdia, mas sim comportar-se como um cidadão exemplar, levando sua reflexão para os magistrados, não colocando em perigo assim a paz do Estado, já que ao viver em sociedade o homem renuncia ao direito de agir por si mesmo, ou seja, regido por suas próprias leis.

Por isso, ninguém pode, de fato, atuar contra as determinações dos poderes soberanos sem lesar o direito destes, mas pode pensar, julgar e, por conseguinte, dizer absolutamente tudo, desde que se limite só a dizer ou a ensinar e defenda o seu parecer unicamente pela razão, sem fraudes, cólera, ódio ou intenção de introduzir por sua exclusiva iniciativa qualquer alteração no Estado. (TTP20).¹²

O historiador da filosofia, Châtelet afirma que:

Desde que há Estado – da cidade grega às burocracias contemporâneas –, a ideia de verdade sempre se voltou, finalmente, para o lado dos poderes [...] Por conseguinte, a contribuição específica da filosofia que se coloca a serviço da liberdade, de todas as liberdades, é a de minar, pelas análises que ela opera e pelas ações que desencadeia, as instituições repressivas e

12 Cf. o original: “*adeoque salvo summarum potestatum jure nemo quidem contra earum decretum agere potest, at omnino sentire, & judicare, & consequenter etiam dicere, modo simpliciter tantum dicat vel doceat, & sola ratione, non autem dolo, irâ, odio, nec animo aliquid in rempublicam ex autoritate sui decreti introducendi, defendat*”. (TTP20, SO3, p. 241).

simplificadoras: quer se trate da ciência, do ensino, da tradução, da pesquisa, da medicina, da família, da polícia, do fato carcerário, dos sistemas burocráticos, o que importa é fazer aparecer a máscara, deslocá-la, arrancá-la [...]”¹³

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns resultados das pesquisas em ciências humanas não podem ser observados em laboratório, mas não deixam de existir por isso. São observados e comprovados nas mudanças que a pesquisa e a propagação da reflexão sobre determinados temas provocam nos pesquisadores, nos docentes, discentes, nos curiosos, nos leigos, nos leitores de obras e artigos, nos ouvintes das palestras, seminários e eventos acadêmicos, dentre outros. Provocar as reflexões e discussões filosóficas desde a escola da educação básica até os grandes centros acadêmicos propicia a mudança de comportamento de crianças, jovens e adultos, que pertencem a uma sociedade envolta em múltiplos conhecimentos, mas que muitas vezes não atinge a todos os públicos, ou não é apresentada a todos de maneira atraente.

Spinoza é um filósofo de grande importância no que se refere às temáticas centrais deste artigo, oferecendo definições, proposições e demonstrações indispensáveis para o estudo das mesmas, sendo sempre presente nas salas de aulas de ensino médio e superior, nos eventos acadêmicos, em grupos de estudos e encontros locais, nacionais e internacionais.

Homem livre é aquele que está sob o domínio da razão, sendo ela a guiá-lo em suas ações. Pensar essa liberdade não é um tema ultrapassado, esquecido na modernidade, mas sempre atual e cotidianamente necessário, tanto que a filosofia de Spinoza chega ao século XXI com todo o vigor, alimentando debates e discussões transformadoras. Conceituar, caracterizar e refletir sobre a servidão e a liberdade humana oportunizam a mudança de atitude, a uma cidadania consciente e responsável. Spinoza consegue trazer essa reflexão a todos os seus leitores, onde alguns comungam de suas ideias e outros a rejeitam, sendo ambas as posturas interessantes para o saber filosófico.

13 Chatelet, F. *História da Filosofia*: ideias, doutrinas, p. 309.

Spinoza, antes de tornar-se grande filósofo, foi um assíduo leitor, sempre na busca pelo conhecimento. Leu desde os filósofos antigos até os seus contemporâneos. Não poderia construir sua filosofia do nada e é perfeitamente compreensível que ele tenha sofrido inúmeras influências a partir do que leu. O que surpreende é que consegue ir além das influências, tornando-se brilhantemente inovador, sabendo ousar e desafiar a tradição, mesmo talvez não sendo essa a sua real intenção. Spinoza, que tanto foi oprimido, não criou uma filosofia opressora, defensora de nenhuma verdade absoluta, apenas expõe o seu pensar de forma precisa e matemática¹⁴, de modo que o leitor de seus escritos possa por si só, racionalmente, interpretar e usufruir do saber filosófico, não revelado.

Aos homens é chegada a hora de arrancar quebrar paradigmas, de tirar a venda que costuma cair sobre seus olhos, impedindo que enxerguem outros caminhos, outras alternativas, outras possibilidades. Não é uma sociedade obediente e igual a que viverá harmoniosamente, mas aquela que se aceita como diversa e é tolerante. Cada organismo que compõe a sociedade é parte importante na engrenagem que move o mundo, as pessoas e as coisas. Se cada um conhece a sua importância no todo, afasta-se da servidão e progride para a liberdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHÂTELET, François. *História da Filosofia: ideias, doutrinas*. V. VIII. Rio de Janeiro: Zahar, s.d.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. *A Nervura do Real: imanência e liberdade em Spinoza*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- DAMÁSIO, António R. *Spinoza Avoir Raison. Joie et Tristesse, les cerveau des émotions*. Paris: Odile Jacob, 2003.
- EUCLIDES. *Elementos de Geometria*. São Paulo: Edições Cultura, 1944.
- GEBHARDT, Carl. *Spinoza Opera*. Im Auftrag der Heidelberger

¹⁴ Euclides, que inspira Spinoza a sujeitar sua filosofia ao rigor da matemática, em sua obra *Elementos de Geometria*, ordena suas afirmações em definições, postulados, axiomas, proposições e lemas.

Akademie der Wissenschaften herausgegeben von Carl Gebhardt. Heidelberg: Carl Winter, 1925; Ristampa 1972. Milano: Edição Eletrônica a cura di Roberto Bombacigno e Monica Natali, 1998. 1 CD-Rom.

GUEROULT, Martial. *Espinosa: vol. 1 (Dieu)*. Paris, Aubier-Montaigne, 1997.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 4.ed. atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

MERÇON, Juliana. *Aprendizado Ético-Afetivo: uma leitura spinozana da educação*. Campinas: Alínea, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim Falava Zaratustra*. São Paulo: Escala Educacional, 2006.

SPINOZA, Benedictus. *Ética*. [tradução e notas de Tomaz Tadeu]. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

_____. *Pensamentos Metafísicos; Tratado da Correção do Intelecto; Ética demonstrada à maneira dos geômetras*. Tradução e notas da Parte I de Joaquim de Carvalho, tradução das Partes II e III de Joaquim Ferreira Gomes, tradução das Partes IV e V de Antônio Simões; *Tratado Político; Correspondências*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Coleção Os Pensadores).

_____. *Tratado Teológico-Político*. Tradução, introdução e notas Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2003. – (Paidéia)